

Apontamentos sobre a categoria *práxis* na teoria crítica

Moacir Fernando Viegas

Resumo

O presente artigo pretende contribuir para a compreensão do significado da categoria *práxis* na teoria crítica, particularmente na forma como ela aparece em algumas obras de Adorno e Horkheimer. Discute, para tanto, as possíveis relações de continuidade e ruptura entre as compreensões de Marx e a desses autores; analisa as razões de uma análise mais centrada na superestrutura, de Adorno e Horkheimer, assim como suas conseqüências na abordagem da categoria *práxis*. Por fim, através dessa discussão, o texto objetiva também contribuir para evitar uma compreensão idealista das categorias trabalhadas por esses autores.

Palavras-chave

Práxis; Teoria Crítica; Adorno, Theodor W. - Crítica e Interpretação; Horkheimer, Max - Crítica e Interpretação.

Professor do Departamento de Educação da Universidade de Santa Cruz do Sul - UNISC. Doutor em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS.

Introdução

O presente artigo nasceu de discussões sobre teoria crítica realizadas no grupo de pesquisadores sobre Formação de Professores do Cone Sul-Mercosul, do curso de Pós-Graduação em Educação da UFRGS, no período entre 1998 e 2000. Uma das preocupações que temos tido nas discussões sobre esse que é nosso principal referencial teórico, é compreender os escritos mais recentes da teoria crítica no contexto do materialismo histórico e dialético, apreendendo os possíveis desenvolvimentos ou rupturas. Entre as inúmeras categorias que procuramos compreender, a da *práxis* é uma das principais, pelo lugar que ocupa na teoria crítica desde Marx.

Neste sentido, juntamo-nos à preocupação manifestada por Pucci (1995, p. 13), quando ele afirma a intenção de “tentar compreender a teoria crítica no contexto do materialismo histórico, desvelando sua singularidade”. De fato, essa não poderia deixar de ser uma preocupação dos estudos sobre a teoria crítica, visto sua raiz originar-se do pensamento marxista.

Assim, nossa discussão visa, a partir da compreensão do significado da categoria *práxis*, contribuir para o esclarecimento de possíveis relações de ruptura ou continuidade entre o pensamento de Marx e dos autores mais recentes da teoria crítica, particularmente Theodor W. Adorno e Max Horkheimer. A hipótese com a qual temos trabalhado em nossas discussões é a de que Adorno e Horkheimer privilegiam, principalmente em suas exposições mais recentes, as categorias ligadas à superestrutura, à subjetividade. Não chegamos a um acordo, porém, sobre em que medida esse privilégio significaria um rompimento das suas teses com o materialismo histórico.

O texto principal em que me baseei para escrever esse artigo foi *Notas Marginais sobre a Teoria e Práxis*, de Adorno, escrito em 1969. Também me servirei de outros escritos do mesmo autor e de Horkheimer, assim como me reportarei a algumas obras de Marx. No entanto, as análises aqui colocadas não pretendem ser conclusivas no que respeita ao conjunto da obra desses autores.

A categoria *práxis* é de fundamental importância em meus estudos. Entendo as produções teóricas como sistematizações das práticas sociais, que, portanto, nelas têm sua origem. Desse modo, em minha

compreensão, a prática social é a fonte privilegiada do conhecimento e constitui dessa maneira o critério de verdade do mesmo.

Em minhas investigações ocupa lugar de destaque a prática social dos trabalhadores e o papel que possui essa prática na transformação da história. Assim, acho importante compreender em profundidade a grande valorização que dão os teóricos de Frankfurt à teoria, para que não se compreenda os seus “exageros” críticos como uma secundarização do papel ocupado pela *práxis* na teoria crítica.

Práxis, prática e alienação

Uma primeira questão que gostaria de destacar quanto ao estudo da categoria *práxis* é a do significado ou diferença entre os conceitos de prática e *práxis*. Até certo ponto, esses conceitos podem ser considerados sinônimos, mas as aplicações feitas aos mesmos denotam diferenças. É interessante que Petrovic, no Dicionário do Pensamento Marxista, apresente apenas o significado de *práxis*, desenvolvendo nesse verbete toda a problemática da prática e de sua relação com a teoria. O autor afirma que a *práxis* é a prática social incorporada de teoria e que Marx a define como a “meta da filosofia verdadeira (isto é, da crítica da filosofia especulativa) e a revolução como a verdadeira *práxis*” (PETROVIC, 1988, p. 293). Nesse sentido, apenas a “filosofia verdadeira”, aquela que faz a crítica da filosofia especulativa, teria a *práxis* como meta, e, portanto, só a *práxis* conseqüente da “filosofia verdadeira”, ou seja, a “revolução”, seria realmente *práxis*. Em Horkheimer e Adorno, como veremos, *práxis* será referida também à *práxis* alienada, que também é incorporada de teoria, mas, no caso, da teoria tradicional.

Considero que um importante eixo de ligação entre as reflexões sobre a prática social em Marx e Adorno e Horkheimer é o trabalho. O aspecto mais abrangente e que dá maior significado à prática social da humanidade é o trabalho. Portanto, é na compreensão do significado do trabalho para o ser humano que deve começar o estudo dessa categoria. E um texto chave para essa compreensão são os *Manuscritos Econômicos e Filosóficos de 1844*, de Marx.

No contexto das relações sociais capitalistas, Marx coloca que o trabalhador se relaciona com o produto do seu trabalho de forma alienada. Assim, quanto mais o trabalhador se desgasta no trabalho, mais poderoso

se torna o mundo de objetos por ele criado em face dele mesmo, mais pobre se torna a sua vida interior, e menos ele se pertence a si próprio:

O trabalhador põe a sua vida no objeto, e sua vida, então, não mais lhe pertence, porém ao objeto. Quanto maior for sua atividade, portanto, tanto menos ele possuirá. O que está incorporado ao produto de seu trabalho não mais é dele mesmo. Quanto maior for o produto de seu trabalho, por conseguinte, tanto mais ele minguará. O trabalho dele se converte em objeto, assumindo uma existência externa, que existe independentemente, fora dele mesmo, e a ele estranho, e se lhe opõe como uma força autônoma. A vida que ele deu ao objeto volta-se contra ele como uma força estranha e hostil (MARX, 1979, p. 91).

O trabalho alienado, como prática social, irá se opor à prática como atividade livre, universal, plena de auto-criatividade. O trabalho alienado transforma a atividade livre e dirigida em um meio e transforma a vida do homem como membro da espécie em um meio de existência física. Mas em que medida a prática como atividade livre e auto-criativa é possível no capitalismo de Marx e nos dias de hoje? Se considerarmos o domínio completo, no mundo atual, das práticas sociais capitalistas, que se configuram através de formas de relacionamento baseadas na relação de mais-valia, na alienação, na divisão do trabalho capitalista, esse conceito de *práxis* é, de certo modo, uma abstração. Revela de fato mais uma meta filosófica e prática do que uma realidade. Talvez por isso Marx e Engels tenham, na *Ideologia Alemã* (1984), definido dois tipos de prática, designando o trabalho como forma auto-alienada da atividade produtiva humana e a *práxis* como auto-atividade. Se, por outro lado, consideramos que a *práxis* (ou prática) é contraditória, então é claro que a *práxis* social geral, ao menos, e muitas das práticas sociais, possuem em si mesmas essa contradição, ou seja, são práticas que contêm em si, ao mesmo tempo, a “auto-atividade” e a “auto-alienação”.

Horkheimer e Adorno trabalham permanentemente a idéia do nexo entre teoria e prática, e portanto da compreensão da *práxis* como a prática incorporada de teoria. Essa é uma característica de todas as práticas, já que não há uma prática que não tenha um mínimo de teoria, tanto as práti-

cas tradicionais quanto críticas: “tanto quanto a influência do material sobre a teoria, a aplicação da teoria ao material não é apenas um processo intracientífico, mas também um processo social. Afinal, a relação entre hipóteses e fatos não se realiza na cabeça dos cientistas, mas na indústria” (HORKHEIMER, 1991, p. 36). A diferença está nas formas de relação entre a teoria e a prática nos diferentes tipos de *práxis* e é esse um dos principais temas de Horkheimer em *Teoria Tradicional e Teoria Crítica*.

A importância da prática em relação à teoria é enfatizada muitas vezes pelos autores, como é exemplificado pela citação a seguir, que não é senão uma outra forma de explicitar o conteúdo da oitava tese sobre Feuerbach:

A aplicação e mesmo a compreensão deste ou daquele conceito da forma crítica de pensar estão ligadas à própria atividade e ao esforço, isto é, à experiência de uma vontade no sujeito cognoscente. A tentativa de se remediar a compreensão precária de tais idéias e do modo de seus encadeamentos por meio da mera intensificação da sua concisão lógica, da criação de definições aparentemente mais exatas e até de uma “linguagem uniforme”, tem obrigatoriamente que fracassar (HORKHEIMER, 1991, p. 60).

A idéia de que *práxis* é a prática incorporada de teoria e de que, portanto, *práxis* não se refere a um tipo especial de prática, mas a toda e qualquer prática social, pode ser percebida em vários trechos dos textos que aqui enfoco, especialmente em *Teoria Tradicional e Teoria Crítica*, de Horkheimer (1991). Nessa obra, o autor fala em “*práxis* social geral”, que é considerada como produto da atividade humana, na qual está a totalidade das práticas. Fala da “*práxis* crítica”, que provoca transformações na teoria e na prática, da “*práxis* correta”, na qual estão contidos os conceitos de fidelidade e solidariedade. E fala ainda em “*práxis* social dominante”. Já em *Teoria da Semicultura*, Adorno (1996) destaca a “*práxis* assassina” do nacional-socialismo.

Embora a teoria seja um momento de qualquer *práxis*, as formas como são estabelecidos os nexos entre teoria e prática são diferentes na teoria tradicional e na teoria crítica. Por exemplo, ao afirmar que “a teoria como momento de uma *práxis* que conduz a novas formas sociais

não é uma roda dentada de uma engrenagem em movimento” (HORKHEIMER, 1991, p. 50), o autor está alertando que na teoria crítica os nexos entre teoria e prática pressupõem a espontaneidade, a auto-atividade, em oposição à forma mecânica e pragmatista como se liga a teoria à prática na teoria tradicional.

Horkheimer e Adorno mantêm, desse modo, a compreensão de mais de um tipo de *práxis* e opõe, assim como Marx (e apesar de usarem terminologias diferentes) a *práxis* crítica, transformadora, atividade livre, à *práxis* alienada, fragmentada. Porém, os dois tipos de *práxis* estão contidos na prática social geral da humanidade. Os dois tipos de *práxis* são dois aspectos da mesma realidade social.

As “Notas marginais sobre teoria e *práxis*”

No texto *Notas Marginais sobre Teoria e Práxis*, Adorno explicita as formas como na sociedade atual estão relacionadas a teoria com a prática. A preocupação principal do autor parece ser a crítica da prática alienada, que se pretende superior e auto-suficiente, e mostrar o grande valor que possui a teoria, sobretudo num mundo administrado, em que a reflexão é tornada secundária e o impulso à simples adaptação é extremamente forte. O texto realça de tal modo a importância da teoria, que, por vezes, o pensamento do autor parece secundarizar a prática, e desse modo diferenciar-se quanto ao papel por ela ocupado no pensamento de Marx.

Para evitar uma análise superficial, no entanto, devemos levar em conta três aspectos. O primeiro refere-se à questão de a qual teoria e a qual prática se refere o autor em sua crítica. Adorno se refere à toda a prática social da humanidade, à *práxis* social geral, como afirma Horkheimer em *Teoria Tradicional e Teoria Crítica*. No entanto, essa prática, como afirmei anteriormente, é dominada pelas formas de vida capitalistas, ou seja, o fazer utilitarista do pragmatismo capitalista, com objetivos imediatos, sobre os quais não há questionamentos, portador da teoria tradicional. Assim, é a essa prática social dominante a que principalmente se refere Adorno em seu texto.

Um segundo aspecto diz respeito ao contexto em que o documento foi escrito. Os pensadores de Frankfurt ficaram marcados pela experiência da Alemanha nazista e se referem permanentemente a ela. Adorno vê nessa experiência o resultado da impossibilidade de uma prática no

sentido da auto-atividade, de Marx, no capitalismo, e a substituição da mesma por uma sucedânea no narcisismo coletivo, que permeia as práticas sociais capitalistas e que adquiriu características extremas no fascismo. A “cegueira” da prática alienada, que impede a reflexão, foi pelo menos uma das coisas que possibilitou o fascismo: “no que se refere ao lado subjetivo, ao lado psíquico das pessoas, o nazismo insuflou desmesuradamente o narcisismo coletivo, ou, para falar simplesmente: o orgulho nacional” (ADORNO, 2000, p. 39). Essa condição, dada a continuidade da prática alienada, persiste na sociedade atual: “os impulsos narcisistas dos indivíduos, aos quais o mundo endurecido prometia cada vez menos satisfação e que mesmo assim continuavam existindo ao mesmo tempo em que a civilização lhes oferecia tão pouco, encontram uma satisfação substitutiva na identificação com o todo” (Idem, p. 40).

É interessante analisar mais detidamente o significado dessa transformação da necessidade de realização prática do indivíduo em um sucedâneo na coletividade amorfa. O “ópio da coletividade” é o agente utilizado pela prática para obscurecer sua impossibilidade. A necessidade de dar uma resposta imediata ao “que fazer” impede o pensamento crítico, o que demonstra a grande aversão à teoria. Aceitar essa situação é uma exigência para o “salvo-conduto”, que faz os fracos se sentirem fortes. O endosso ao coletivo é a base para o sentimento de pertencimento ao grupo. Adaptar-se é, portanto, a única alternativa possível para a sobrevivência (ADORNO, 1995, p. 229).

O autor retoma aqui a crítica à razão ocidental feita por Horkheimer em *O Eclipse da Razão*. Horkheimer demonstra como a razão adaptou-se à prática social capitalista e as suas exigências quanto ao tipo de pensamento e o modo como ele deve funcionar. O critério de aumento da produtividade, ou seja, produzir mais em menos tempo, desenvolvendo o processo de acumulação, penetrou o pensamento com toda a sua força. E o critério do que é e o que não é racional passou a ser definido pela utilidade, pela operacionalidade do objeto avaliado. Alguma coisa é racional se é útil, ou seja, se contribui para o desenvolvimento do processo de acumulação através do aumento da produtividade.

Ao nível do senso comum, não se coloca outra saída senão a adaptação a essas mudanças. Adaptar-se, ajustar-se, reajustar-se, moldar-se são expressões que refletem o conformismo com uma lógica que se mostra inexorável. É o processo que Horkheimer chama de

subjetivação da razão: “na maior parte dos casos, ser racional significa não ser refratário o que por sua vez conduz ao conformismo com a realidade tal como ela é. O princípio de ajustamento à realidade é dado como certo” (HORKHEIMER, 1976).

Ainda com relação ao contexto, *Notas Marginais sobre Teoria e Práxis* foi escrito em 1969, portanto, como diz Newton Ramos-de-Oliveira, “ainda no calor dos dias tumultuosos da ‘geração 68’” (RAMOS-DE-OLIVEIRA, [19--], p. 11). E quanto às possibilidades de transformação desse movimento, Adorno é extremamente cético, chegando a afirmar que utilizava as mesmas armas que visava atacar, as mesmas práticas utilitaristas e autoritárias. É um contexto, portanto, de grande desvalorização da teoria, tanto pelas correntes tradicionais do pensamento quanto pela esquerda. Um contexto que reforça a permanência da prática utilitarista, que afasta a auto-reflexão e a crítica.

O fato de que Adorno não tenha visto no maio de 1968 aspectos contraditórios, ou seja, não tenha observado tendências transformadoras, pode estar ligado ao terceiro aspecto necessário para compreensão do texto, que se refere ao proposital “exagero” de sua linguagem, assumido por ele mesmo, e cujo sentido tem a ver com o fato de tratar-se de uma “denúncia” no sentido freiriano do termo, isto é, de denunciar a sociedade atual, suas contradições, suas limitações, a *práxis* reificada. No que diz respeito à prática utilitarista criticada por Adorno, o exagero objetiva, entre outras coisas, denunciar seu caráter acríptico e alienante, sua condução à ruína da conduta humana, por trás da sua aparente “produtividade”. Objetiva ressaltar a essência sob a aparência fenomênica dominante. Como afirma o autor, “minha intenção foi atentar para uma tendência oculta pela fachada limpa do cotidiano, antes que ela se imponha por sobre as barreiras institucionais que até o momento a mantém sob controle” (ADORNO, 2000, p. 44).

Impossibilidade da experiência num mundo dominado pela *práxis* alienada

A origem da “crise de relação” entre teoria e prática, para Adorno, está no cerne da sociedade capitalista, que leva à incapacidade das pessoas vivenciarem experiências enquanto atividades livres e auto-dirigidas. O caminho para compreender esse ponto é a consideração

da prática ou *práxis* alienada. Porque se a *práxis* social capitalista é alienada, está dada a condição para que qualquer experiência nela seja também uma experiência alienada, ou seja, uma negação de si mesmo e, logo, uma não-experiência: “a razão pura prática, com todo o realismo zeloso, é tão destituída de objeto quanto o mundo é desqualificado para a manufatura e a indústria que o reduzem a material de elaboração e que, por sua vez, não pode legitimar-se senão no mercado” (ADORNO, 1995, p. 202). É a crítica à razão prática utilitarista do capitalismo. O mundo perdeu suas qualidades gerais para configurar apenas uma qualidade, a qualidade de transformar todas as coisas em produto a ser vendido no mercado, este conferindo as regras dessa transformação. A razão prática é escrava dessa realidade. Nesse sentido, é abstração pura, pois que dependente da prática, não possuindo objeto próprio. A prática promete libertar o homem de seu ensimesmamento, mas ela mesma, ao tornar-se prática pela prática, ensimesmou-se e, por isso, tem um poder contrário a essa libertação. As qualidades intrínsecas dos objetos do mundo são indiferentes diante de seu “valor de mercado”. As práticas têm assim um “valor abstrato”. Como a prática perde a referência às qualidades do objeto, perde referência ao objeto e torna-se assim, prática ilusória: “ao fim do dia, que sensação de ‘ter feito algo’ sente alguém que ‘produziu’ muito?”

De fato, o trabalho alienado como única forma de satisfação das necessidades, produz a sensação de frustração, e, como diz Marx, tão logo cessa sua imposição, é evitado:

O que constitui a alienação do trabalho? Primeiramente, ser o trabalho externo ao trabalhador, não fazer parte de sua natureza, e, por conseguinte, ele não se realizar em seu trabalho mas negar a si mesmo, ter um sentimento de sofrimento em vez de bem-estar, não desenvolver livremente suas energias mentais e físicas mas ficar fisicamente exausto e mentalmente deprimido... Seu trabalho não é voluntário, porém imposto... Ele não é a satisfação de uma necessidade, mas apenas um meio para a satisfação de outras necessidades. Seu caráter

alienado é claramente atestado pelo fato de, logo que não haja compulsão física ou outra qualquer, ser evitado como uma praga (MARX, 1979, p. 93).

A análise da prática em Adorno está, como já destaquei, claramente ligada ao trabalho alienado. Suas afirmações são consequência da análise da prática do trabalho alienado e suas formas de configuração, e reportam aos *Manuscritos* de Marx: “o sujeito devolvido a si mesmo, separado do seu outro por um abismo, seria incapaz de ação” (ADORNO, 1995, p. 203). Assim, ele denuncia a “racionalidade do sempre-igual”, que se deve ao fato da razão prática capitalista ser repetitiva, mecânica, uma abstração cujo controle é externo ao trabalhador. Essa é a origem do que o autor chama da perda da possibilidade da experiência, ou seja, a impossibilidade de uma experiência de auto-atividade. Esse “bloqueio” da experiência faz com que a prática seja “danificada e, por isso, ansiada, desfigurada, desesperadamente supervalorizada” (Idem, p. 203). É nesse sentido, afirma ele, que deve ser abordado o problema da relação teoria-prática.

O conhecimento legítimo é definido pelos mesmos critérios, ou seja, ser útil ao aumento da produtividade. Qualquer conhecimento, para legitimar-se, precisa seguir essa definição. O pensamento não escapa aos critérios da produtividade.

O monopólio da prática utilitarista, que perdeu de vista a possibilidade de objetualização, pois sua única qualidade é a abstração “valor de troca”, impõe essa abstração como única realidade, portanto sempre idêntica a si mesma. A atividade defronta-se com a impossibilidade de ser uma atividade com relação a um objeto real que mantém suas qualidades gerais, trazendo consigo a impossibilidade da relação com as coisas e as pessoas. O indivíduo não é passivo diante dessa impossibilidade: “o indivíduo sente como inconveniente para ele a auto-alienação em direção ao que não se lhe assemelha, o que o inibe de realizá-la” (ADORNO, 1995, p. 203). A subjetividade abstrata criada por essa racionalização utilitarista é impotente, diante do quê, nada pode fazer, assim como “não se pode imaginar, do sujeito transcendental, precisamente aquilo que lhe é atestado: a espontaneidade”. A prática assume assim o caráter de uma aparência, a prática ilusória, como se não pudesse “saltar o fosso”, ou seja, como se não pudesse ir além de si mesma. As reformas, as

revoluções, são superficiais, visam apenas manter o mundo como ele é. A essência da teoria e da prática não mudam. Na “pura razão prática”, teoria e prática são separadas numa realidade em que a teoria se torna impotente e a prática arbitrária (ADORNO, 1995, p. 204).

Pensamento e ação

Adorno faz afirmações bastante polêmicas quanto à relação teoria-prática quando defende não somente a autonomia da teoria em relação à prática, mas também o caráter prático da própria teoria:

Pensar é um agir, teoria é uma forma de práxis; somente a ideologia da pureza do pensamento mistifica este ponto. O pensar tem um duplo caráter: é imanentemente determinado e é estrigente e obrigatório em si mesmo, mas, ao mesmo tempo, é um modo de comportamento irrecusavelmente real em meio à realidade. Na medida em que o sujeito, a substância pensante dos filósofos, é objeto, na medida em que ele incide sobre o objeto, nessa medida, ele é, de antemão, também prático (ADORNO, 1995, p. 204).

Essa afirmação é muito polêmica. Diz o autor que a teoria não nasce do nada; nasce da prática; enquanto prática, é teoria realizada e substância do pensamento dos filósofos. Essa substância é, portanto, antecipadamente prática; assim, se foi antecipadamente prática, pressupõe-se a capacidade do pensamento voltar a ser prático, no sentido de realizar-se na prática. Até aqui, a compreensão do autor está de acordo com o materialismo histórico e com o conceito de *práxis* que vem desenvolvendo. Mas é difícil conceber que pensar seja uma forma de agir, com base na origem e mesmo na capacidade de intervenção do pensamento sobre o objeto.

Horkheimer, em *Teoria Tradicional e Teoria Crítica*, apresenta uma formulação que pode ajudar a compreender essa perspectiva colocada por Adorno, quando afirma que “a classificação de fatos em sistemas conceituais já prontos e a revisão destes através de simplificação ou

eliminação de contradições é, como já foi exposto acima, uma parte da práxis social geral” (HORKHEIMER, 1991, p. 42). O autor fala aqui da atividade teórica e da ligação dessa atividade com a prática. Da mesma forma que Adorno, no texto analisado, está ressaltando o nexos entre teoria e prática, o fato da teoria ser um componente da prática. Porém, isso não pode levar a crer que a teoria seja uma forma de prática.

É interessante perceber que dessa compreensão do significado da teoria na *práxis* são tiradas as conseqüências para a cultura, aspecto que Adorno desenvolve em *Teoria da Semicultura*:

Isto, porém, requer que não somente se rejeite uma concepção de cultura tomada como absoluta, como também que não se dogmatize, que não se enrijeça sua interpretação em tese não dialética como algo dependente, como mera função da práxis e mero voltar-se a ela. O entendimento de que aquilo que se originou não se reduz a sua origem — não pode se tornar equivalente àquilo de onde procedeu — se refere também ao espírito, que tão facilmente se deixa induzir a arrogar-se a qualidade da origem (ADORNO, 1996, p. 409).

Adorno concorda que a prática social seja a origem da teoria, porém quer refutar a postura reducionista e determinista que conclui, a partir desse caráter originário da teoria, por sua total dependência da prática, como se não possuísse um valor intrínseco.

Origem e significado das divergências entre teoria e prática

Para Adorno (1995, p. 206), o fato da prática nascer do trabalho pesa gravemente sobre ela: “que um dia foi preciso agir contra o princípio do prazer a fim de conservar a própria existência”. Penso que essa ligação que Adorno faz do trabalho unicamente à renúncia ao prazer pode ser entendida no mundo atual, mas não com relação ao trabalho em geral. Nas condições sociais do trabalho no capitalismo, a prática resulta na aversão a toda prática, dado seu caráter desumano. Esse interdito colocado pela prática só pode ser superado pela própria prática, que no

entanto o reforça. Em oposição a isso, Adorno (1995, p. 207) afirma, quanto à teoria, que “apesar de toda sua própria não-liberdade, ela é, num mundo não livre, lugar-tenente da liberdade”.

Para o autor, a separação entre teoria e prática, ao contrário do que muitos pensam, representa um grande progresso para a civilização humana. Originalmente, existia um “cego predomínio” (indiferenciação) da prática material. A separação representa uma etapa do processo de superação desse predomínio: “com a separação entre teoria e *práxis*, desperta a humanidade das pessoas”. Um processo que se orienta potencialmente na direção da liberdade. Ao afirmar que o progresso “das forças produtivas técnicas (...) permite vislumbrar a dispensa universal do trabalho material, sua redução a um valor limite”, demonstra a valorização que coloca nas forças produtivas e novamente o entendimento de qualquer trabalho como prática desumana: “o objetivo de uma *práxis* justa seria sua própria supressão” (ADORNO, 1995, p. 214).

O autor diverge frontalmente da tese da unidade teoria-prática, a qual chama de “dogma”. Para ele, a relação entre ambas é de contradição, de descontinuidade e não de unidade. Nenhum caminho seguro conduz da prática à teoria:

A teoria pertence ao contexto geral da sociedade e é, ao mesmo tempo, autônoma. Apesar disso, nem a *práxis* transcorre independentemente da teoria, nem esta é independente daquela. Se a *práxis* fosse o critério da teoria, converter-se-ia, por amor ao *thema probandum*, no embuste denunciado por Marx e, por causa disso, não poderia alcançar o que pretende; se a *práxis* se regesse simplesmente pelas indicações da teoria, endurecer-se-ia doutrinariamente e, além disso, falsearia a teoria (ADORNO, 1995, p. 227).

Crítica à *práxis* dos movimentos sociais

Adorno mostra que os movimentos sociais, muitas vezes, enquadram-se na mesma perspectiva pragmatista da *práxis* social dominante. Ao

falar do abuso que se faz da antítese entre teoria e prática para se acusar a teoria, exemplifica através de um grafito contra um estudante, que dizia: “quem se ocupa da teoria, sem agir praticamente, é um traidor”. Denuncia que a prática tornou-se “pretexto ideológico para a coação moral”, isso resultando na ausência de reflexão e no ativismo. Para o autor, quem pensa opõe resistências: “é mais cômodo seguir a correnteza. Entregando-se a uma forma regressiva e deformada do princípio do prazer, tudo fica mais fácil, tudo anda sem esforço e se tem, por acréscimo, o direito de esperar recompensa moral dos correligionários” (ADORNO, 1995, p. 208). Afirma que o “primado da prática” exige adaptação para reconhecimento social, o que implica anular-se individualmente no coletivo: “o superego substituto coletivo ordena em crua inversão o que o velho superego desaprovava: o abrir mão de si qualifica como pessoas melhores as de boa vontade”. Reporta-se a Hegel, segundo ele, onde primeiro se anuncia

a experiência de que a conduta do indivíduo, por mais que seja de vontade pura, não alcança uma realidade que prescreve ao indivíduo as condições de seu agir, limitando-o... A espontaneidade, frente à prepotência de fato das condições objetivas, aparece de antemão como nula (ADORNO, 1995, p. 209).

E novamente aponta a reflexão teórica como a saída para esse impasse:

É indubitável e incontestado que a análise racional da situação constitui o pressuposto, pelo menos da práxis política... A análise da situação não se esgota na adaptação a esta. Enquanto reflete sobre ela, põe em relevo momentos que podem conduzir para além das coações, da situação. Isto assume incalculável relevância para a relação entre teoria e práxis. Por sua diferença com relação a esta, enquanto ação imediata ligada à situação e, portanto, por sua autonomização, a teoria converte-se em força produtiva prática, transformadora. Sempre que alcança algo importante, o pensamento produz um impulso prático, mesmo que oculto a ele (ADORNO, 1995, p. 209).

O predomínio da prática encontra expressão no predomínio completo da tática, o que revela como os meios se autonomizaram ao extre-

mo. Apesar das exigências das discussões em toda a parte, a tática aniquila a discussão. As “claques” dominam os processos de discussão:

[As claques] já prepararam de antemão os resultados que pretendem obter. A discussão serve à manipulação. Cada argumento é recortado sob medida para uma intenção, sem que se leve em conta a sua solidez. Mal se escuta o que diz a outra parte; quando muito, para poder replicar com fórmulas estereotipadas... O adversário da discussão torna-se função do respectivo plano... Com tudo isto, o ativismo submete-se a mesma tendência que acredita ou pretende combater: o instrumentalismo burguês, que fetichiza os meios porque a reflexão sobre os fins se torna intolerável para o tipo de práxis que lhe é próprio (ADORNO, 1995, p. 216).

É o mundo administrado, do qual a esquerda não escapa. Certamente essa é uma crítica muito dura, mas em grande parte verdadeira, aos movimentos sociais. E encontra-se também aí, nos movimentos sociais, a atração à realização prática como um sucedâneo à auto-realização. O autor comenta da aversão à teoria, seu enfraquecimento “de modo nenhum casual”, sua “proscrição pela impaciência que pretende transformar o mundo sem interpretá-lo” e que “tal aversão à teoria constitui a fragilidade da práxis” (ADORNO, 1995, p. 211). O fato de que a teoria tenha que curvar-se à prática “dissolve o conteúdo de verdade da mesma e condena a práxis ao delirante”, delírio esse que proporciona um “sinistro poder de atração aos movimentos coletivos”, que desinteressam-se pelos conteúdos. Nessa integração à loucura coletiva, os indivíduos desintegram-se: “ela deixa os indivíduos incapazes de assumir, ao nível da consciência, as contradições objetivas que não pode resolver de maneira harmoniosa; a unidade admitida de maneira forçada e sem discussão é a imagem encobridora de uma irresistível desavença interior” (idem, p.211).

A prática e as condições sociais objetivas

O tema da relação entre as condições sociais objetivas e a subjetividade é permanente em *Notas Marginais sobre Teoria e Práxis*. Nas considerações que faz o autor sobre esse tema, é possível perceber que de modo algum Adorno secundariza a prática social com relação à teoria. A transformação

das condições objetivas é sempre colocada como uma pré-condição para uma real transformação da subjetividade, em que pese as relações de reciprocidade entre ambas. Adorno coloca que a “pseudoatividade”, conceito semelhante ao que mais tarde Kosik (1976) chamará de pseudoconcreticidade, “é produto das condições sociais objetivas”. Fala da impossibilidade, nas atuais circunstâncias, de uma “revolução espontânea” e que as barricadas são “ridículas” frente aos que usam bombas. Seu ceticismo fica evidente quando afirma que também os movimentos revolucionários dos países subdesenvolvidos são impotentes: “modelos que não deram resultado nem mesmo na selva boliviana não podem ser transferidos” (ADORNO, 1995, p. 217). Para ele,

A pseudoatividade é provocada pelo estado das forças produtivas técnicas, estado que, ao mesmo tempo, a condena à ilusão. Assim como a personalização é um falso consolo diante do fato de que o indivíduo carece de importância no mecanismo anônimo, do mesmo modo a pseudoatividade constitui um engano em relação à despotenciação de uma práxis que pressupõe um agente livre e autônomo, que já não mais existe... Como reflexo do mundo administrado, a pseudoatividade os recupera em si mesma (Id. *ibid.*).

É muito importante perceber a relação que faz Adorno entre as condições objetivas, o fascismo e a pseudoatividade”, particularmente em *O que Significa Elaborar o Passado*. O autor afirma que a sobrevivência do fascismo na atualidade e o fato de que não se tenha ainda “elaborado o passado” deve-se a que estão mantidas as pré-condições sociais objetivas que servem para sua atualização. E ainda privilegiando a prática como norte do entendimento dessas pré-condições, diz que “em sua essência”, o fascismo não pode “ser produzido meramente a partir de disposições subjetivas”. O ordenamento econômico leva a maioria à dependência com relação ao existente, que foge a qualquer controle. A necessidade de sobrevivência implica na adaptação ao existente e a subjetividade autônoma que apela à democracia é enfraquecida: “a necessidade de uma tal adaptação, da identificação com o existente, com o dado, com o poder enquanto tal, geral o potencial totalitário” (ADOR-

NO, 2000, p. 43). As forças que hoje levam-nos a adaptar ao estabelecido são de fato muito fortes. A “coação moral” de que fala Adorno, com raízes na situação objetiva, torna a resistência difícil.

Adorno (1995,p.219) discute o poder de determinação que a teoria e a prática possuem na realidade atual. Afirma que, com a desorganização da economia de mercado, “suas leis não constituem mais explicação suficiente por si sós”. A primeira parte dessa idéia é questionável, na medida em que, hoje, existem teorias que mostram que, ao contrário do que parece, há um alto grau de organização da economia a nível mundial. Mas é verdade, e Marx já dizia, que as categorias econômicas da teoria tradicional são insuficientes para uma explicação da economia capitalista. Adorno, no entanto, apontará a psicologia, “através da qual se interiorizam sem cessar as coações objetivas”, como o caminho para compreender a submissão passiva dos seres humanos a uma “irracionalidade destrutiva”, ou que os mesmos ingressem em movimentos “cuja contradição com seus interesses” sejam facilmente perceptíveis (Id. Ibid.). Exemplifica através da função que desempenham nos estudantes os determinantes psicológicos: “em relação ao poder real, ao qual mal e mal faz cócegas, o ativismo é irracional”, novamente aludindo ao movimento de maio de 68. Os interesses econômicos “contam menos” do que faz crer a propaganda sobre os Estados do Bem-Estar. Admite que a prática ilusória é imposta “pelas barreiras objetivas”, mas salienta que essa imposição é mediada psicologicamente: “a paralisia do pensamento está condicionada pela dinâmica pulsional” (ADORNO, 1995, p. 219).

Talvez este seja o trecho onde fica mais evidente a ênfase dada pelo autor à superestrutura. Trabalha de forma dialética a relação entre as condições objetivas e a superestrutura, admitindo que as barreiras objetivas são o fator determinante, conferindo um grande poder à mediação psicológica. Mas a afirmação que denota a importância dessa última é que a compreensão do que leva os homens a aceitarem estas relações deve dar-se através da psicologia. A subjetividade, nesse sentido, adquire mais do que o significado de mediação da interiorização da estrutura para se configurar no melhor caminho para compreensão desse processo.

No entanto, apesar de se servir da psicologia para explicar as manifestações espirituais quanto ao nacional-socialismo, Adorno diz, em *O que Significa a Elaborar do Passado*, que o esquecimento do nazismo “pode ser explicado muito mais a partir da situação social geral do que a

partir da psicopatologia”. Isso porque os próprios mecanismos de defesa psicológicos face à recordações desagradáveis “servem a objetivos extremamente realistas” (ADORNO, 2000, p. 33).

A irracionalidade das motivações e comportamentos com que se manifestam as posturas diante do nacional-socialismo, porque são deformados quanto aos fatos a que se referem, transforma-se em racionalidade se considerados no sentido de que se originam de tendências sociais,

e de que quem assim age sabe-se ajustado ao espírito da época. Tal maneira de se comportar cumpre a finalidade de poder seguir seu caminho. Quem não alimenta pensamentos inúteis não arranja sarna para se coçar. Está adaptado à maneira de pensar daqueles que compõem aquilo a que Franz Böhn tão expressamente chama de ‘opinião pública’ (ADORNO, 2000, p. 22).

Num outro trecho de *O que Significa Elaborar o Passado*, o autor expressa com clareza a relação entre ser social e consciência social, a necessidade de uma nova *práxis* para uma verdadeira transformação da sociedade e, afinal, a concepção materialista histórica:

Contudo, em face da violência objetiva existente por trás desse potencial sobrevivente, o esclarecimento objetivo não será suficiente mesmo que seja enfrentado em termos diferenciados de energia e profundidade. Se quisermos contrapor objetivamente algo ao perigo objetivo, não bastará lançar mão de uma simples idéia, ainda que seja a idéia da liberdade ou da humanidade, cuja conformação abstrata, como vimos, não significa grande coisa para as pessoas. Se o potencial fascista se apoia em seus interesses, por mais limitados que sejam, então o antídoto mais eficaz, porque evidente em sua verdade, permanece sendo o de atentar aos interesses das pessoas sobretudo os mais imediatos (ADORNO, 2000, p. 48).

E, ainda mais claramente, quando afirma que “o passado só estará plenamente elaborado no instante em que estiverem eliminadas as causas do que passou. O encantamento do passado pôde manter-se até hoje unicamente porque continuam existindo as suas causas” (idem, p. 48).

Conclusão

Creio que um dos pontos fundamentais de que parte Adorno, e que é necessário levar em consideração para compreender seu pensamento e o de Horkheimer, é o seguinte: a verdadeira *práxis*, isto é, a revolução, meta da filosofia verdadeira, não se realizou, conforme previa Marx. Sucedeu-se portanto a barbárie, expressa no nacional-socialismo, no estalinismo, na *práxis* social predominante do capitalismo. As precondições de atualização de todas estas experiências permanecem existindo. Logo, isso torna Adorno cético a respeito das possibilidades de transformação no mundo contemporâneo. É muito elucidativo desse seu sentimento quando afirma: “do mundo tal qual é, ninguém poderá atemorizar-se suficientemente” (ADORNO, 1995, p. 225). Por um lado, existe a necessidade inquestionável de atualizar a teoria. De outro, são imensas as exigências para uma ação crítica e quase inexistentes as possibilidades de realizá-la. Essa é a situação.

Apesar das cores sombrias, Adorno não deixa de reconhecer que a melhora nas condições sociais, no caso as da Alemanha do final da década de 60, e mesmo a frágil democracia, contribuem para a continuação da elaboração do passado. Porém, isso não ocorrerá por si só, sem uma iniciativa no sentido da transformação. É quando o autor menciona a “pedagogia democrática”, instrumento do esclarecimento. Nesse ponto, entretanto, apresenta-se um contraste entre um apostar no potencial do esclarecimento e os limites quase intransponíveis impostos por consciências pouco receptivas à mudanças. E Adorno retoma o papel dos intelectuais, em termos semelhantes aos desenvolvidos por Gramsci em *Os Intelectuais e a Organização da Cultura* e por Horkheimer em *Teoria Tradicional e Teoria Crítica*. O autor fala na formação de quadros que posteriormente possam influir na totalidade (ADORNO, 2000, p. 45)

Horkheimer lembra que a teoria crítica aspira a transformação revolucionária da sociedade, ao contrário da teoria tradicional, que visa manter o estado atual das coisas. Desse modo, os intelectuais que assumem verdadeiramente a teoria crítica não podem contentar-se com uma posição meramente compreensiva, contemplativa da prática social. Devem trabalhar a serviço das classes dominadas, estando a elas organicamente ligados. A exposição das contradições sociais, para além de mero exercício de retórica, precisa ser “um fator que estimula e que transfor-

ma” (HORKHEIMER, 1991, p. 50). A teoria adquire assim poder de transformação e contribui indiretamente nos melhoramentos materiais conquistados pela resistência de determinados grupos.

É importante destacar uma diferença essencial entre a teoria tradicional e a teoria crítica, no que diz respeito a sua relação com a prática, que tem muito a ver com o papel que a intelectualidade que se pretende ligada à transformação das condições sociais desempenha hoje. A teoria tradicional, na qual o nexos com a objetividade é negado, tem como critério de legitimidade a produtividade, a possibilidade da aplicação imediata, que resulte em maior eficiência, menos tempo gasto na produção de mercadorias. A teoria crítica não tem essa aspiração. Pensar que a teoria crítica pode ser aplicada com esses mesmos critérios seria pensar de uma forma não crítica, tradicional. Como afirma Horkheimer (1991, p. 68), “num período histórico como este a teoria verdadeira não é tão afirmativa como crítica, como também a sua ação não pode ser ‘produtiva’”. A teoria tradicional está ligada à produção de valor e aos seus aspectos básicos: mais-valia, produtividade, eficiência, divisão do trabalho, alienação. A teoria crítica está ligada à auto-atividade, à atividade livre, dirigida de forma autônoma pelos seres humanos.

Em todos os textos que aqui analiso, Adorno e Horkheimer afirmam a relação entre os temas subjetivos que abordam e as condições objetivas nas quais eles se desenvolvem. A meu ver, a singularidade da teoria crítica em Adorno e Horkheimer se manifesta mais pela ênfase em determinadas categorias, que se referem à superestrutura capitalista, do que por uma posição explicitamente diferente do materialismo histórico. Isso leva a que, por exemplo, quando Adorno realça o poder das condições objetivas sobre a psicologia, quando aponta a necessidade de mudança dessas condições para uma verdadeira elaboração do passado, ele não explicita em detalhes essas condições. Mas o retomar permanente das mesmas, assim como da prática social, demonstra que elas são o “pano de fundo”, sem o qual o desenvolvimento das categorias subjetivas perderia sentido.

Como já comentei, creio que se encontra no trabalho alienado uma das chaves para entender a ênfase dada por Adorno à teoria. As condições em que escreve, influenciado decisivamente pelas práticas sociais que trouxeram horrores (o fascismo), a alternativa barbárie concretizando-se, significam a derrota, ao menos temporária, da *práxis* revolucionária e, nesse sentido, sua única possibilidade de sobrevivência sendo a nível teórico:

Marx, em sua famosa carta a Kugelmann, preveniu contra a iminente recaída na barbárie, que já então deveria ser visível. Mas esse medo que, por certo, não foi o menos importante dos motivos de Marx já está ultrapassado. A recaída já se produziu. Esperá-la para o futuro, depois de Auschwitz e Hiroshima, faz parte do pobre consolo de que ainda é possível esperar algo pior... Uma *práxis* oportuna seria unicamente a do esforço de sair da barbárie. Esta, com a aceleração da história a velocidades supersônicas, estendeu-se tanto que não há nada que resista ao seu contágio (ADORNO, 1995, p. 214).

E talvez esteja aí também uma diferença importante em Adorno e Horkheimer, quanto à Marx. Dado o grau de dominação atingido pela *práxis* tradicional, extensamente demonstrado pelos autores, as possibilidades de emancipação através da prática parecem inexistir. As “saídas” parecem ser apenas teóricas. No entanto, o próprio Adorno desfaz essa idéia várias vezes, ao reafirmar que a emancipação pressupõe a mudança da prática social, sendo a teoria, porém, um instrumento indispensável nessa luta.

A meu ver, a grande valorização dada por Adorno e Horkheimer à teoria, e daí às categorias ligadas à subjetividade, superestruturais, tem o mérito da realização de novos desenvolvimentos de aspectos presentes de forma mais forte em certas obras de Marx, como *A Ideologia Alemã* e os *Manuscritos Econômicos e Filosóficos de 1844*, trazendo assim contribuições fundamentais ao desenvolvimento da teoria crítica.

Nota

- 1 Grupo esse coordenado pelo prof. Dr. Augusto Nivaldo Silva Triviños. Embora a origem desse artigo sejam as discussões feitas no grupo, as idéias aqui apresentadas são de minha responsabilidade.

Referências

ADORNO, Theodor W. Notas marginais sobre teoria e *práxis*.
In: _____ *Palavras e sinais: modelos críticos 2*. Petrópolis:
Vozes, 1995. p. 202-229.

- ADORNO, Theodor W. O que significa elaborar o passado. In: _____. *Educação e emancipação*. 2. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2000, p.29-49.
- _____. Teoria da semicultura. *Educação & Sociedade*, Campinas, ano 17, n. 56, p. 388-411, dez. 1996.
- HORKHEIMER, Max. Teoria tradicional e teoria crítica. In: HORKHEIMER, Max; ADORNO, Theodor W. *Textos escolhidos*. 5. ed. São Paulo: Nova Cultural, 1991. p. 31-68. Col. Os pensadores.
- _____. *O eclipse da razão*. Rio de Janeiro: Labor do Brasil, 1976.
- KOSIK, Karel. *Dialética do concreto*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976.
- MARX, Karl. Manuscritos econômicos e filosóficos. Apêndice. In: FROMM, Erich. *Conceito marxista do homem*. Rio de Janeiro: Zahar, 1979.
- MARX, Karl; ENGELS, Friedrich; *A ideologia alemã: teses sobre Feuerbach*. São Paulo: Moraes, 1984.
- PETROVIC, Gajo. Práxis. In: BOTTOMORE, Tom. *Dicionário do pensamento marxista*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1988. p. 292-296.
- PUCCI, Bruno. Teoria crítica e educação. In: _____. (Org.). *Teoria crítica e educação: a questão da formação cultural na Escola de Frankfurt*. Petrópolis: Vozes, 1995.
- RAMOS-DE-OLIVEIRA, Newton. *Conduzindo Theodor W. Adorno*. Traduções de Theodor W. Adorno feitas pelo autor. Mimeografado.

Notes on the *praxis* in the critical theory

Señalamientos en relación con la categoría *praxis* en la teoría crítica.

Abstract

This article aims to contribute to the understanding of the meaning of the category *praxis* in critical theory, principally in the way it is applied to some of the works of Adorno and Horkheimer. It discusses the possible relationships of continuity and rupture between Marx understandings and those of these authors. It searches to analyze the reasons for an approach more centered on the superstructure made by Adorno and Horkheimer, as well as to comment on the consequences of this approach in the development of the category *praxis*. Finally, through a discussion, the text also aims at contributing to avoid an idealistic understanding of the *praxis* category.

Key words

Praxis; Critical Theory; Adorno, Theodor W. - Criticism and Interpretation; Horkheimer, Max - Criticism and Interpretation.

Resumen

El presente trabajo pretende contribuir para la comprensión del significado de la categoría *praxis* en la teoría crítica, especialmente como aparece en algunas obras de Adorno y Horkheimer. Para esto, son discutidas las posibles relaciones de continuación y de ruptura entre el entendimiento de Marx y de los otros autores. Además, son analizadas las razones de un estudio más centralizado en la superestructura realizada por Adorno y Horkheimer y comenta las consecuencias de esos abordajes en el desarrollo de la categoría *praxis*, evitando así, comprensiones idealistas de tal categoría.

Palabras-clave

Práxis; Teoría Crítica; Adorno, Theodor W. - Crítica e Interpretación; Horkheimer, Max - Crítica e Interpretación.

Moacir Fernando Viegas
UNISC - Departamento de Educação
Av. Independência, nº 2.293
96.815-900 - Santa Cruz do Sul, RS
mviegas@viavale.com.br.

Recebido em: 17/07/2002
Aprovado em: 21/08/2002